31º Encontro Nacional da Anpap
exis tên cias anpap

A COR DE EXU: O BRANCO, O PRETO E A PRIMAVERA

THE COLOR OF EXU: WHITE, BLACK AND SPRING

Maíra Freitas (UNICAMP)[1]
Geovanni Lima (UNICAMP)[2]

RESUMO
A partir da série Exercícios para se lembrar (2018-2021), do artista visual e performer capixaba Geovanni Lima, este artigo aborda a cor como elemento fundante das visualidades afroperspectivadas que o mesmo constrói. A produção é analisada a partir do entendimento da prática do artista enquanto método e episteme que possibilita a elaboração de sua subjetividade de sujeito negro, partindo de uma compreensão exúlica do tempo que atravessa vida e obra. Metodologicamente partimos da descrição, análise e leitura dos planos de performance e registros visuais; juntamente com revisão bibliográfica sobre arte da performance e arte afro-brasileira; buscando valorizar análise decolonial da produção de imagens não hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE
Performance. Tempo exúlico. Afroperspectivismo. Étnico-racial. Marcador social da diferença.

ABSTRACT
From the series Exercícios para se lembrar (2018-2021), by the visual artist and performer of Espírito Santo Geovanni Lima, this visual essay addresses color as a founding element of the Afro-perspective visualities that it builds. The production is analyzed from the understanding of the artist's practice as a method and epistemic that enables the elaboration of his subjectivity as a black subject, starting from an exulic understanding of the time that goes through life and work. Methodologically we start from the description, analysis and reading of performance plans and visual records; together with a literature review on the art of performance and Afro-Brazilian art; seeking to value decolonial analysis of the production of non-hegemonic images.

---

[1] Maíra Freitas é doutoranda no PPG em Artes Visuais da Unicamp, na linha de História, Teoria e Crítica; mestra em Multimeios pela Unicamp; e graduada em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra. Atua como pesquisadora em arte contemporânea, com enfoque em videoperformance e videoarte e suas relações com gênero, sexualidade e racialidade; é artista, arte-educadora e curadora. Sua pesquisa poética parte do desejo de criticizar as relações entre cultura e natureza, com enfoque na questão da maternagem, expôs em diversas instituições nacionais e internacionais. Enquanto arte-educadora e curadora, trabalhou junto à instituições como SESC-Bienal, SESC-Videobrasil, SESC-IMS, Unicamp, entre outras. Bolsista CAPES (Processo:88887.475657/2020-00). Contato: maira1985@gmail.com.

[2] Geovanni Lima é artista e performer. Doutorando (2021-2025) e Mestre em Artes Visuais (2021) pela UNICAMP; Especialista em Artes na Educação pela Faculdade de Vitória (2021); Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2014 - 2018). Indicado ao Prêmio Pipa (2021, júri especializado) e finalista do Prêmio Pipa Online (2021, voto popular), com participação em diversas exposições, mostras e festivais no Brasil e exterior. Membro dos grupos de pesquisa CNPq/UFES: Diálogos entre Sociologia e Arte /DISSOA e Entre - Educação e Arte Contemporânea. É um dos proponentes do projeto PERFORME-SE - Festival de Performance, além de coordenar o Festival Lacração - Arte e Cultura LGBTQIA+. Bolsista CAPES (Processo 88887.711491/2022-00). Contato: geovanni.limasilva@gmail.com.

KEYWORDS
Performance. Tempo exúlico. Afroperspectivism. Ethnic-racial. Social difference marker.

Introdução

Fecha o meu corpo aos perigos
transporta-me nas asas da
tua mobilidade expansiva
cresça-me à tua linhagem
de ironia preventiva
à minha indomável paixão
amadureça-me à tua
desabusada linguagem
escandalizemos os hipócritas
filhos-da-puta
assim à catarse das
impurezas semânticas
exorcizemos a domesticação
do gesto e outras
impostas a nosso povo negro.

(NASCIMENTO, 1995, p. 15)[i]

A partir do recorte de estudo da arte da performance, com aporte teórico de Diana Taylor e Eleonora Fabião, analisaremos a série *Exercícios para se lembrar* (2018-2021), do artista visual e performer capixaba Geovanni Lima, buscando compreender a cor como elemento fundante das visualidades afroperspectivadas (SOBRINHO, 2020; LEAL, 2020) que o mesmo constrói. A produção é analisada a partir do entendimento da prática do artista enquanto método e episteme que possibilita a elaboração de sua subjetividade de sujeito negro, partindo de uma compreensão exúlica do tempo que atravessa vida e obra.

Considerando que a produção afro-brasileira historicamente foi escamoteada para nichos como *art naif*, artesanato ou manualidades, interessa-nos pensar os alcances do projeto político e estético iniciado nos anos 1940 com a produção teórica, política e artística de Abdias Nascimento, compreendendo o fazer artístico como expressão política da negritude brasileira. Na última década, importantes instituições museológicas tem se voltado a afroperspectivar projetos expositivos e seus acervos,

como foi o caso da emblemática exposição interinstitucional *Histórias Afro-atlânticas* (PEDROSA, 2018), sediada no MASP-SP e Instituto Thomie Otake.

Ancoramos nossas reflexões em autores que elaboram os saberes afrodiaspóricos e desenvolvem a epistemologia de terreiro enquanto forma outra de construir visualidades, Abdias Nascimento, Sidnei Nogueira e Reginaldo Prandi são as referências centrais.

A partir da descrição e análise dos registros da série de performances *Exercícios para se lembrar* 2018-2021), de Geovanni Lima, elaboramos leitura crítica sobre o uso da cor como elemento fundante das visualidades afroperspectivadas que o mesmo constrói, compreendendo a prática performática do artista como metodologia e reflexo de uma episteme de elaboração de sua subjetividade de sujeito negro. O aporte teórico deriva da perspectiva decolonial da produção de imagens não hegemônicas.

A pele de Lima

O performer e artista visual Geovanni Lima vive e trabalha em Vitória, no Espírito Santo, com produção que centraliza o seu próprio corpo, sua subjetividade e as relações permeáveis que estes estabelecem com a sociedade. Seu processo criativo recorre persistentemente à memória, material e imaterial, de sua constituição enquanto sujeito negro em um país como o Brasil, que estruturalmente embranquece as experiências e deslegitima os saberes não brancos.

É no processo de análise dos marcadores que seu corpo carrega - negro, gordo, LGBTIA+ - que o artista vem construindo obras que ora escrutinam a violência, ora a devolvem simbolicamente e, em sua produção atual, a mobilização do afeto entre seus pares como elemento criativo, em um processo no qual arte e vida, percurso de artista e constituição enquanto sujeito, são indissociáveis.

O ato de rememorar e, através da arte, ressignificar o passado, principalmente eventos vividos na infância e adolescência, retiram do privado aquilo que é estrutural, lançando para o público a violência social que precisa ser discutida publicamente,

além de devolver à subjetividade do artista encaminhamentos para os traumas que a diferença colonial constrói na socialização de sujeitos afro-brasileiros.

A performance constitui-se no processo poético de Lima como método e episteme (TAYLOR, 2013), enquanto prática artística que, ao mesmo passo que elabora sua subjetividade, é fruto dela. A partir de seu arquivo e repertório pessoal, memorial e cotidiano, o artista elabora programas performativos (FABIÃO, 2013) e constrói gestos que podem ser analisados enquanto ações e enquanto imagens.

Lima constrói visualidades que destacam a presença da pele no corpo, desta pele preta. Analisaremos as obras a partir de uma centralidade na cor enquanto elemento fundante das visualidades afroperspectivadas que Lima constrói na série *Exercícios para se lembrar*, composta por três performances*: Quantos passos valem uma caminhada?* (2018), *Branqueamento ou ação repetida de cuidar* (2019) e Rei da Primavera (2021).

O professor e pesquisador Gilberto Alexandre Sobrinho afirma que o afroperspectivismo

> prevê a recuperação e a criação de rotas estratégicas e de reposicionamento, uma vez que se tratam de histórias traumáticas, violências praticadas, genocídios, interrupções e interpelações que informam sobre formas desumanizadoras pelas quais homens e mulheres foram (e são) tratados, ao mesmo tempo que reivindica as histórias contadas, muitas vezes silenciadas, de sujeitos que ressignificaram não só a própria experiência, mas de todo um povo, num processo de luta que começa no período colonial e avança para contextos pós-coloniais. O afroperspectivismo assume, portanto, um posicionamento na linha contínua da afirmação positivada da negritude, aqui compreendida na sua especificidade afro-brasileira e na alocação do que denomino estéticas das resistências, em atualizações diversas. (SOBRINHO, 2020, p. 153).

A série de Lima parte de uma perspectiva preta para elaborar uma tríade de gestos endereçados à sua memória e à memória do povo afro-brasileiro: o tremular da justiça; o cuidado com o corpo ferido; o afeto como potência. Todos os gestos fundamentais dos trabalhos aqui analisados dialogam com a espiritualidade, esteja ela ou não em uma chave religiosa.

O branco

Na performance *Quantos passos valem uma caminhada?* (2018)[ii] (Imagens 1, 2 e 3), o artista parte da memória dos trajetos executados dominicalmente na infância e adolescência para frequentar templos religiosos, e lança um gesto: traça uma longa caminhada de quatro horas vestido de branco, descalço e carregando uma grande bandeira branca. Sua caminhada é sistematicamente interrompida pois a cada vez que encontra um templo cristão a bandeira é tremulada até seu corpo ceder ao cansaço.

O gesto de enfrentamento à arquitetura materializa o embate histórico e contemporâneo da diáspora negra com a evangelização cristã, em um posicionamento crítico a esta instituição colonial.

Se Oxalá, em sua versão *griot* Oxalufã, foi justiçado por Xangô que o libertou da prisão e o vestiu de branco[iii] (PRANDI, 2003), em *Quantos passos valem uma caminhada?*, os tecidos alcançam o final do trajeto – o porto - carregados de poeira do caminho, informando que o povo preto ainda não foi vestido com o branco da justiça.

Imagem 1. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Quantos passos valem uma caminhada?. 4ª Residência e Festival Corpus Urbis - Oiapoque. Digital, 2018. Imagem: Ana Lages.

Imagem 2. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Quantos passos valem uma caminhada?. 4ª Residência e Festival Corpus Urbis - Oiapoque. Digital, 2018. Imagem: Ana Lages.

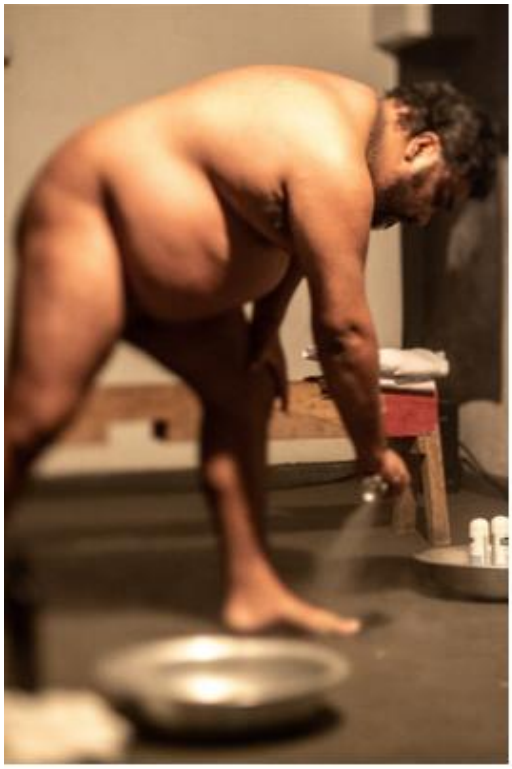
Imagem 3. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Quantos passos valem uma caminhada?. 4ª Residência e Festival Corpus Urbis - Oiapoque. Digital, 2018. Imagem: Ana Lages.

O preto

Na performance *Exercícios para se lembrar, Branqueamento ou ação repetida de cuidar* (2019)[iv] (Imagens 4, 5, 6, 7 e 8*)*, Lima parte de uma violência racista sofrida na infância, em ambiente escolar, quando seus colegas atribuíram a ele a origem de um mau cheiro do ambiente. Após a persistência da violência e uma alcunha depreciativa, Lima articulou uma performance no âmbito do cotidiano, esvaziando seis frascos de desodorante aerossol em seu corpo durante o período de uma aula. A partir dessa memória, Lima elabora um ritual de reativação da violência, seguido de rituais de cuidado com base na cultura ancestral afro-brasileira.

Primeiramente, reitera a cena de infância, para depois ritualizar artisticamente as práticas de cuidado que sua mãe e sua avó lhe ensinaram: óleos e banho de ervas para cuidar e acalmar a pele ferida.

A cor preta de sua pele é o elemento fundante dessa obra que articula a feitura e os processos de cura da ferida colonial, do racismo estrutural e institucional, a partir da constituição da subjetividade de um artista negro que constrói sua auto-identificação enquanto sujeito preto já adulto e, assim, passa a ter instrumentos para compreender as violências vividas desde a infância.



Imagens 4 e 5. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Branqueamento ou Ação repetida de cuidar, p-ARTE – Plataforma de Performances, edição nº 42, Curitiba/PR. Digital, 2019. Imagem: Flávio Ribeiro.

Imagem 6. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Branqueamento ou Ação repetida de cuidar, p-ARTE – Plataforma de Performances, edição nº 42, Curitiba/PR . Digital, 2019. Imagem: Flávio Ribeiro

Imagem 7. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Branqueamento ou Ação repetida de cuidar, p-ARTE – Plataforma de Performances, edição nº 42, Curitiba/PR . Digital, 2019. Imagem: Flávio Ribeiro

Imagem 8. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Branqueamento ou Ação repetida de cuidar, p-ARTE – Plataforma de Performances, edição nº 42, Curitiba/PR . Digital, 2019. Imagem: Flávio Ribeiro

A primavera

A série *Exercícios para se lembrar* é encerrada com o terceiro dente do garfo de Exu, a performance *Rei da Primavera* (2021)[v] (Imagens 9 e 10), que ativa a memória de uma festa escolar, a falta de equiparação em uma competição, em função da realidade socioeconômica e do racismo institucional. O artista retoma a memória de que, quando perdeu a competição para ser o Rei da Primavera – na qual conquistaria uma coroa de folhas e flores -, sua professora afirmou, na tentativa de abrandar sua frustração, que a faixa de segundo colocado combinava com sua pele "moreninha", enquanto a coroa adequava-se ao corpo branco da criança ganhadora.

A partir desse repertório memorial, Lima desenvolve uma nova caminhada pelo espaço público, agora uma feira urbana de Vitória/ES, onde entrega flores de retalhos de tecido a transeuntes racializados, vestindo sua construção de Rei da Primavera: uma pele-macacão coberta de folhas e flores que cobre todo o seu corpo, incluindo seu rosto.

Aqui, o artista dobra a violência e transforma-a em gesto reparativo de afeto festivo para outros corpos racializados como o seu. Há, em sua construção visual, uma profusão e exagero que se aproxima do imaginário neobarroco, agora escurecido pelo afeto preto que rompe com o discurso evangelizador tão marcante nas origens do barroco, aproximando-se da proposta de uma *antropofagia neobarroca* – título de uma das sete exposições que compuseram a 10ª Bienal do Mercosul (2015), curada por Gaudêncio Fidelis.

Um encantado vai à feira ofertar delicadeza para os seus, que não o reconhecem, nem identificam a pele preta coberta pela primavera. A construção de uma comunidade preta se desenha nos contatos que o performer costura entre as pessoas do público. Sua pele material se reverte em movimento de partilha, sua cor se projeta nas peles dos outros – que não são Outros, são parte de uma mesma comunidade que se constrói na caminhada do Rei da Primavera.

Imagem 9. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Rei da Primavera, Feira Livre do Bairro Nova Palestina, em Vitória/ES . Digital, 2021. Imagem: Paula Barbosa

Imagem 10. Documento da performance Exercícios para se lembrar, Rei da Primavera, Feira Livre do Bairro Nova Palestina, em Vitória/ES . Digital, 2021. Imagem: Paula Barbosa

A cor de Exu

Exercícios para se lembrar (2018-2021) cria imagens artísticas que se materializam em ato e se desdobram em registros para o itã iorubá que afirma: “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só arremessou hoje” (VERGER, 2011). Essa é a base do tempo circular, de uma concepção exúlica do tempo e das trocas. Compondo ações no presente, a partir do passado, o artista recupera, atua criticamente, repara e exige justiça para si e para os seus.

Esses gestos performáticos constroem visualidades e refletem uma subjetividade em ruptura com a colonialidade. Reiterando suas performances do cotidiano e as elaborando esteticamente, Lima *ergue a voz* (hooks, 2019) através das imagens que a cor do seu corpo adornado cria.

Afroperspectivadamente, suas imagens acionam a cosmopercepção – a cor é encarnada em gesto e movimento, ruído e cheiro, temperatura e conexão -, aderindo, assim, à epistemologia afro-brasileira que se diferencia daquela eurocentrada baseada na aparência, a cosmovisão.

O branco, o preto e a primavera carregam consigo a responsabilidade de fazer justiça no presente, destituindo as forças coloniais que se criaram no passado, para criar um futuro para si e para o povo afro-brasileiro. Em um projeto ético, estético e político de reparação, justiça, afeto e comunidade onde seja possível, como sonhou Abdias Nascimento, exorcizarmos a domesticação.

Laroyê, Èsú!

REFERÊNCIAS

BISPO, Alexandre Araújo; LOPES, Fabiana. Presenças: a performance negra como corpo político. **Haarper’s Bazaar Art**. São Paulo, abr. 2015.
ESPÍRITO SANTO, Ali do. “Um Tridente de Hipóteses sobre a Performance. É Possível Ir Além da Gestão do Presente?” **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 8, n. 21, jul. 2020. ISSN: 2316-8102
FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. Unicamp. **Revista do Lume**. n.4, dez. 2013.

FELINTO dos Santos, Renata Aparecida. **A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas**: estudos de produções e de poéticas. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes. São Paulo: 2016.
GOLDERG, RoseLee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. Lisboa: Orfeu Negro, 2007.
HALL, Stuart. "Quem precisa da identidade?" *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.
LEAL, abigail Campos. Aqueerlombamentos: as novas políticas do comunitarismo y da deserção LGBTQIA preta. *In*: nascimento, tatiana (Curadora). **Abebe: caixas pretas**. São Paulo: n-1 Edições, 2020.
LIMA, Geovanni. **Exercícios para se lembrar, Quantos passos valem uma caminhada?,** 2018. Disponível em: https://www.geovannilima.com/quantos-passos-va-lem.Acesso em: 29 abr. 2022.
___**. Exercícios para se lembrar, Branqueamento ou ação repetida de cuidar**, 2019. Disponível em: https://www.geovannilima.com/branqueamento-ou-acao. Acesso em: 29 abr. 2022.
___. **Exercícios para se lembrar, Rei da Primavera**, 2021. Disponível em: https://www.geovannili-ma.com/rei-da-primavera. Acesso em: 29 abr. 2022.
MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Letras (Santa Maria). Santa Maria, v, 25, p. 55-71, 2003.
NASCIMENTO, Abdias. **Orixás:** os Deuses Vivos da África. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO)/Afrodiáspora, 1995.
PEDROSA, Adriano *et. al.* (Orgs.) **Histórias afro-atlânticas**: [vol. 2] antologia. São Paulo: MASP, 2018.
PRANDI, Reginaldo, **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 519 a 522.
SCHECHNER, Richard. Ritual. *In*: LIGIÉRO, Zeca (org.) **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
SOBRINHO, Gilberto Alexandre. O Afroperspectivismo de A Trilogia da Bicha Preta, de Juan Rodrigues: construindo as estéticas das resistências. *In*: **LOGOS**. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). v. 27. n 01, 2020, p. 152 – 167.
TAYLOR, Diana. Traduzindo a performance. *In*: DAWSEY et. al. (Orgs.). **Antropologia e performance** ensaios napedra. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
VERGER, Pierre; CARYBÉ, Hector J. **Lendas Africanas dos Orixás**. 4. ed. Salvador: Corrupio, 2011.

Notas

[i] Fragmento de *Padê de Exu Libertador*, poema de 1981. (NASCIMENTO, 1995, p. 15).
[ii] Performance de 2018, elaborada e executada na *Residência e Festival Corpus Urbis – 4ª Edição – Oiapoque*, no Amapá (AP) e executada no Festival Mov. Cidade, em Vila Velha (ES).

[iii] As vestes brancas encontram-se largamente representadas em obras de pintoras e pintores afro-brasileiros, como Raquel Trindade, Maria Auxiliadora, Wilson Tibério, Heitor dos Prazeres e Moisés Patrício, por exemplo.

[iv] Performance de 2019 executada no *26º aniversário do Museu Capixaba do Negro* – MUCANE, em Vitória/ES; na *III Mostra Movediça de Performances*, na Galeria Liberdade, em São Paulo/SP; e na *p-ARTE – Plataforma de Performance*s, edição nº 42, em Curitiba/PR; e premiada pelo edital 002/2020 da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo.

[v] Performance de 2021, produzida com fomento do Fundo Municipal de Cultura de Vitória e executada na Feira Livre do Território de Nova Palestina, em Vitória/ES.